

**Universidade de Évora**

Mestrado em Teatro - Ramo Dramaturgia/Encenação

Trabalho de Projecto



# ANEXOS

Rinoceronte

Bruno Manuel Miranda Mendes, nº 5207

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Catedrática Convidada Fernanda Lapa

31/08/2011

**Universidade de Évora**

Mestrado em Teatro - Ramo Dramaturgia/Encenação

Trabalho de Projecto

# ANEXOS

Rinoceronte

Bruno Manuel Miranda Mendes, nº 5207

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Catedrática Convidada Fernanda Lapa

31/08/2011

Este Trabalho de Projecto é composto por dois volumes:

Volume I - Relatório Trabalho de Projecto

Volume II - Anexos

## **Resumo**

### *Rinoceronte*

Os cidadãos de uma pacata cidade, transformaram-se em rinocerontes. Todos menos um. Bérenger continua a não compreender o que se passou. Existem rinocerontes em todo o lado, que chegam ao ponto de lhe telefonar para casa e gozar com ele. Nem um único ser humano. Eles cantam, dançam e atropelam tudo e todos que apareçam à frente. Esta é a história, contada na primeira pessoa, de um homem que resistiu ao impulso de se transformar em rinoceronte e mesmo quando tentou, falhou.

Este é o resultado de uma auto-encenação, um desafio em que se pretendeu explorar a questão do encenador-actor, toda a disciplina e trabalho que este tipo de criação exige, especialmente, quando os meios escasseiam. A dramaturgia é ousada e, talvez, polémica, tentando dar um novo sentido à imaginação de Ionesco.

## **Abstract**

### *Rhinoceros*

The citizens of a peaceful city, gradually transformed into rhinoceros. All but one. Bérenger still doesn't understand what was going on. There are rhinos everywhere that call him at home to mock him. Not a single human being. They sing, dance and trample everything and everyone in their way. This is the story, told in the first person, of a man who resisted to the impulse of becoming a rhinoceros and even when he tried, he failed.

This is the result of a self-direction, a challenge intended to explore the question of the director-actor, all the work and discipline that this kind of creation demands, specially, when the resources are scarce. The dramaturgy is bold and, perhaps, controversial, trying to give a new meaning to Ionesco imagination.

# Índice

ANEXO 1	<i>O texto</i>	pág. 6
ANEXO 2	<i>Alguns Rinocerontes</i>	pág. 29
ANEXO 3	<i>Protocolo com a Escola de Mulheres, Oficina de Teatro &amp; rider técnico</i>	pág. 30
ANEXO 4	<i>Sobre o EMDR</i>	pág. 34
ANEXO 5	<i>Programa do espectáculo</i>	pág. 39
ANEXO 6	<i>Desenho de luz</i>	pág. 41
ANEXO 7	<i>Direitos de autor e classificação etária</i>	pág. 42
ANEXO 8	<i>À procura de colaboradores/as</i>	pág. 45
ANEXO 9	<i>Proposta no programa do espectáculo “Rhinoceros” de Eugène Ionesco do Royal Court Theatre</i>	pág.46
ANEXO 10	<i>Registo de imagens do espectáculo</i>	pág. 50



Eugène Ionesco

## ANEXO 1

### O texto

Tradução e adaptação por Anabela Garcia da novela de Eugène Ionesco *Rhinocéros* escrita em 1958, editada por Reinhold e Helga Pieper, à qual foram acrescentados pequenos excertos da peça teatral *Rhinocéros* das Éditions Gallimard, 1959

Falávamos tranquilamente disto e daquilo, na esplanada de um café, o meu amigo Jean e eu, quando avistámos no passeio em frente, enorme, potente, respirando ruidosamente, avançando a direito, rasando as montras, um rinoceronte. À sua passagem, os transeuntes afastavam-se rapidamente para lhe deixar o caminho livre. Uma doméstica soltou um grito de pavor, o cesto escapou-se-lhe das mãos, o vinho de uma garrafa quebrada espalhou-se nos paralelos, alguns passeantes, dos quais um velho, entraram precipitadamente nas lojas. Isto não durou o tempo de um raio. Os passeantes saíram dos seus refúgios, formaram-se grupos que seguiam com o olhar o rinoceronte já longe, comentaram o acontecimento e depois dispersaram.

As minhas reacções são bastante lentas. Registei distraidamente a imagem da fera a correr sem lhe dar uma importância exagerada. Nessa manhã, ainda por cima, sentia-me cansado, a boca amarga, a seguir aos copos da véspera: festejámos o aniversário de um colega. Jean não esteve na festa; por conseguinte, passado o primeiro momento de impressão:

- Um rinoceronte em liberdade na cidade! – exclamou ele, isto não o surpreende? Não devíamos permiti-lo.
- De facto, disse eu, não pensei nisso. É perigoso.
- Nós devíamos protestar junto das autoridades municipais.
- Talvez ele se tenha evadido do Jardim Zoológico – disse eu.

- Sonha! respondeu-me ele. Já não há Jardim Zoológico na nossa cidade desde que os animais foram dizimados pela peste no século XVII.
- Vem talvez do circo?
- Que circo? A câmara proibiu os nómadas de residir em território do concelho. O circo já não passa cá desde a nossa infância.
- Talvez ele tenha ficado desde então escondido nas matas pantanosas dos arredores, respondi bocejando.
- Está de facto no nevoeiro espesso do álcool...
- Ele sobe do estômago...
- Sim. E bloqueia-lhe o cérebro. Onde é que vê matas pantanosas nos arredores? A nossa província é cognominada a Pequena Castela de tal modo ela é deserta.
- Talvez se tenha escondido sob um calhau? Talvez tenha feito o ninho num ramo seco?
- Você é aborrecido com os seus paradoxos. É incapaz de falar seriamente.
- Hoje especialmente.
- Hoje como sempre.
- Não tanto, mesmo assim.
- As suas palavras espirituosas não valem nada!
- Eu não pretendo de modo algum...
- Detesto que gozem com a minha cara!
- Eu não me permitiria jamais, meu caro Jean...
- Meu caro Bérenger, você permite-se...
- Não, isso não, eu não mo permito.
- Sim, acaba de se permitir!
- Como é que pode pensar...?
- Eu penso o que é!

- Asseguro-lhe...
- ...Que goza com a minha cara!
- Realmente, você é casmurro.
- Está a ver, está-me a insultar.
- Isso não me podia vir à mente.
- Você não tem mente!
- Mais uma razão para que isso não me venha à mente.
- Há coisas que vêm à mente mesmo dos que não a têm.
- Isso é impossível.
- Porque é que é impossível?
- Porque é impossível.
- Explique-me lá porque é que é impossível, já que se acha à altura de explicar tudo...
- Eu nunca pretendi semelhante coisa.
- Então, porque é que se dá ares? E porque é que me insulta?
- Eu não o insulto. Pelo contrário. Sabe como o estimo.
- Se me estima porque é que me contradiz pretendendo que não é perigoso deixar correr um rinoceronte em pleno centro da cidade, ainda por cima a um domingo de manhã, quando as ruas estão cheias de crianças... e também de adultos...
- Muitos estão na missa. Esses não correm perigo...
- ...à hora do mercado.
- Eu não afirmei que não era perigoso. Eu disse simplesmente que não tinha pensado nisso.
- Você nunca pensa em nada!
- Não se enerve, meu caro Jean. Não nos vamos disputar por esse bicho...

Mudámos o assunto da conversa e pusémo-nos a falar do bom tempo e da chuva que caía tão raramente na região, na necessidade de trazer ao nosso céu, nuvens artificiais e outros assuntos banais insolúveis.

Separámo-nos. Era domingo. Eu ia-me deitar, dormir todo o dia: mais um domingo perdido. Na segunda de manhã, ia ao escritório, prometendo solenemente nunca mais voltar a embebedar-me, sobretudo ao sábado, para não estragar o dia seguinte, o domingo. De facto, só tinha um dia livre por semana, três semanas de férias no Verão. Em vez de beber e ficar doente não valeria mais estar fresco e bem disposto, passar os meus raros momentos de liberdade de uma maneira mais inteligente? Visitar os museus, ler revistas literárias, assistir a conferências? E em vez de gastar todo o meu dinheiro disponível em bebidas espirituosas, não seria preferível comprar bilhetes de teatro para assistir a espectáculos interessantes? Eu sempre não conhecia o teatro de vanguarda, de que tanto se falava, eu não vi nenhuma das peças de Ionesco. Era agora ou nunca o momento de me pôr em dia.

No domingo seguinte, encontrei o Jean, de novo, na mesma esplanada.

- Mantive a minha palavra, disse apertando-lhe a mão.
- Que palavra é que manteve? – perguntou-me ele.
- Mantive a minha palavra comigo mesmo. Jurei que não bebia mais. Em vez de beber decidi cultivar o espírito. Hoje, tenho a cabeça clara. Esta tarde vou ao museu municipal, esta noite tenho um lugar no teatro. Acompanha-me?
- Esperemos que as suas boas intenções durem, respondeu Jean. Mas eu não posso ir consigo. Tenho que ir ter com uns amigos à cervejaria.
- Ah, meu caro, é a sua vez de dar maus exemplos. Vai-se embebedar!
- Uma vez não são vezes, respondeu Jean num tom irritado. Ao passo que você... Está a cavar a sua própria sepultura, meu caro amigo. Está-se a perder.

- Eu não gosto assim tanto de álcool. Mas se não bebo, não consigo. É como se eu tivesse medo, então bebo para não ter mais medo.
- Medo de quê?
- Não sei muito bem. Angústias difíceis de definir. Não me sinto à vontade na existência, no meio das pessoas, então bebo um copo. Isso acalma-me, descontraí-me, eu esqueço. Estou cansado, há anos que estou cansado. Dói-me carregar o peso do meu próprio corpo...
- É a neurastenia alcoólica, a melancolia do bebedor...
- Sinto a cada instante o meu corpo, como se ele fosse de chumbo, ou como se eu carregasse um outro homem às costas. Ainda não estou habituado a mim mesmo. Não sei se eu sou eu. Logo que bebo um pouco, o fardo desaparece, e eu reconheço-me, torno-me eu.
- Não quero ofendê-lo, meu amigo, mas tenho que lhe dizer que é o álcool que pesa na verdade.
- Eu, eu quase não tenho força para viver. Já não tenho desejo talvez. A solidão pesa-me. A sociedade também.
- Você contradiz-se. É a solidão que pesa ou é a multidão? Acha-se um pensador e não tem nenhuma lógica.
- É uma coisa anormal viver.
- Ao contrário. Nada mais natural. A prova: toda a gente vive.
- Os mortos são mais numerosos que os vivos. O número deles aumenta. Os vivos são raros.
- Os mortos, isso não existe, é caso para dizer!... Ah! Ah!... Esses também lhe pesam? Como é que podem pesar as coisas que não existem?
- Eu pergunto a mim mesmo se existo!

- Você não existe, meu caro, porque você não pensa! Pense, e existirá. Você, no fundo, é um farsante. Um mentiroso. É lamentável! Tenho vergonha de ser seu amigo.
- É muito severo...
- Podia-se sê-lo por menos!
- Ouça Jean. Eu não tenho distrações, uma pessoa aborrece-se nesta cidade, eu não fui feito para o trabalho que tenho... Ao sábado à noite, estou exausto, então, compreende, para descontraír...
- Meu caro, toda a gente trabalha e eu também, eu também como toda a gente, e no entanto, olhe para mim. Vontade, que diabo!...
- Oh! Vontade, nem toda a gente tem a sua. Eu não consigo. Não, não me consigo fazer à vida.
- Toda a gente tem de se fazer à vida. Será você uma natureza superior?
- Eu não pretendo...
- Eu valho tanto como você; ou melhor, sem falsa modéstia, eu valho mais que você. O homem superior é aquele que cumpre o seu dever.
- Que dever?

A discussão ia incómodamente voltar, quando ouvimos um bramido poderoso, ruídos precipitados de cascos de um perissodáctilo, gritos, o mio de um gato; quase simultaneamente vimos aparecer e depois desaparecer, como um raio, no passeio oposto, um rinoceronte respirando ruidosamente e investindo a toda a velocidade sempre em frente.

Logo de seguida, surgiu uma mulher trazendo nos braços uma pequena massa informe, sangrenta:

- Ele esmagou o meu gato, lamentava-se ela, ele esmagou o meu gato!

As pessoas rodearam a pobre mulher descabelada que parecia a própria encarnação da desolação, lamentando-a.

- Ora se não é infelicidade, gritavam elas, pobre animalzinho!

Jean e eu levantámo-nos. De um pulo atravessámos a rua, rodeamos a infeliz:

- Todos os gatos são mortais, disse eu estupidamente, não sabendo como a consolar.
- Ele já passou a semana passada em frente da minha loja! Lembrou-se o merceeiro.
- Não era o mesmo, afirmou Jean. Não era o mesmo: o da semana passada tinha dois cornos no nariz, era um rinoceronte da Ásia; este só tem um: é um rinoceronte de África.
- Está a dizer tolices, enervei-me eu. Como é que pôde distinguir os cornos! A fera passou a uma tal velocidade, mal a conseguimos ver; não teve tempo de os contar...
- Eu, eu não estou no nevoeiro espesso, replicou vivamente Jean. Tenho o espírito claro, calculo rápido.
- Ele avançava com a cabeça baixa.
- Justamente, via-se melhor.
- Você é um pretensioso, Jean. Um pedante, um pedante que não tem a certeza dos seus conhecimentos. Porque, em primeiro lugar, é o rinoceronte da Ásia que tem um corno no nariz; o rinoceronte de África, esse, tem dois!
- Engana-se, é o contrário.
- Quer apostar?
- Não aposto consigo. Os dois cornos, é você que os tem, gritou ele, vermelho de cólera, espécie de Asiático!
- Eu não tenho cornos. Nunca terei. E também não sou Asiático. Além disso, os Asiáticos são pessoas como toda a gente.
- São amarelos! gritou ele fora de si.

Jean voltou-me as costas, afastou-se em grandes passadas, blasfemando.

Eu sentia-me ridículo. Devia ter sido mais conciliador, não o contradizer: sabia, no entanto, que ele não o suportaria. A menor objecção fazia-o espumar. Era o seu único defeito, tinha um coração de ouro, fez-me inúmeros favores. As poucas pessoas que estavam ali e que nos tinham

escutado esqueceram o gato esmagado da pobre mulher. Estavam à minha volta, discutiam: algumas defendiam que de facto o rinoceronte da Ásia era unicorne, e davam-me razão; as outras defendiam ao contrário que o rinoceronte unicorne era africano, dando assim razão ao meu preopinante.

- A questão não é essa, interveio um senhor ( chapéu de palha, bigode pequeno, monóculo, cabeça característica do lógico ) que se mantivera até ali de lado sem dizer nada. O debate levava a um problema do qual se afastou. Perguntava ao princípio se o rinoceronte de hoje é o de domingo passado ou se é outro. É a isso que é preciso responder. Pode ter visto duas vezes um mesmo rinoceronte com um só corno, como pode ter visto duas vezes um mesmo rinoceronte com dois cornos. Pode ainda ter visto um primeiro rinoceronte com um corno e depois um outro igualmente com um só corno. E também, um primeiro rinoceronte com dois cornos, depois um segundo rinoceronte com dois cornos. Se viu a primeira vez um rinoceronte com dois cornos, a segunda vez um rinoceronte com um corno, isso também não é concludente. Pode dar-se que depois da semana passada o rinoceronte tenha perdido um dos seus cornos e que o de hoje seja o mesmo. Pode dar-se também que dois rinocerontes com dois cornos tenham perdido ambos um dos seus cornos. Se pudesse provar ter visto, a primeira vez, um rinoceronte com um corno, fosse ele asiático ou africano, e hoje um rinoceronte com dois cornos, fosse ele, tanto faz, africano ou asiático, então podíamos concluir que se tratava de dois rinocerontes diferentes, porque é pouco provável que um segundo corno pudesse crescer em alguns dias, de maneira visível, no nariz dum rinoceronte; isso faria de um rinoceronte asiático ou africano, um rinoceronte africano ou asiático, o que não é possível em boa lógica, a mesma criatura não pode ter nascido em dois lugares ao mesmo tempo, nem mesmo sucessivamente.
- Isso parece-me claro, disse eu, mas não resolve o problema.

- Evidentemente, replicou o senhor sorrindo com um ar competente, apenas o problema é colocado de maneira correcta.
- O problema não é esse, replicou imediatamente o merceeiro que, tendo sem dúvida um temperamento emotivo, preocupava-se pouco com a lógica. Poderemos nós admitir que os nossos gatos sejam esmagados debaixo dos nossos olhos por rinocerontes com dois cornos ou com um corno, sejam eles asiáticos ou africanos?
- Ele tem razão, é justo, exclamaram as pessoas. Não podemos permitir que os nossos gatos sejam esmagados, por rinocerontes ou por outra coisa qualquer!

O merceeiro mostrou-nos com um gesto teatral a pobre mulher em lágrimas, segurando ainda nos braços e embalando-a, a massa informe, sangrenta, o que fora o seu gato.

\*

No dia seguinte, no jornal, na rubrica dos gatos esmagados, dava-se conta em duas linhas da morte do pobre animal, “esmagado pelos pés de um paquiderme”, dizia-se sem dar outros detalhes. No domingo de tarde, não visitei os museus; à noite não fui ao teatro. Entediei-me, sozinho, em casa, oprimido pelo desgosto de me ter desentendido com o Jean.

“Ele é tão susceptível, devia-o ter poupado”, dizia-me eu. “É absurdo zangar-se por semelhante coisa... pelos cornos de um rinoceronte que nunca vimos antes... um animal originário de África ou da Ásia, lugares tão distantes, o que é que isso me podia fazer? Ao passo que Jean, ele, ao contrário era um amigo de sempre que... a quem eu devia tanto... e que...”

Enfim, ocupado a prometer-me ir ver o Jean o mais rápido possível e a reconciliar-me com ele, bebi uma garrafa inteira de cognac sem me aperceber. Apercebi-me justamente nesse dia

seguinte: ressacado, boca a saber a papel de música, má consciência, eu estava realmente muito incomodado. Mas o dever acima de tudo: cheguei ao escritório à hora, ou quase. Pude assinar a folha de presença no preciso instante em que a iam retirar.

- Então, também viu rinocerontes? Perguntou-me o chefe que, para minha grande surpresa, já lá estava.
- Claro que sim, vi-o, disse eu, despindo o meu casaco de sair para vestir o meu velho casaco de mangas usadas, bom para o trabalho.
- Ah! Está a ver! Eu não sou louca! exclamou Daisy, a dactilógrafa, muito emocionada. ( Como era bonita, com as bochechas rosadas, os cabelos louros. Ela agradava-me como o diabo. Se eu me pudesse apaixonar, seria por ela... ) Um rinoceronte unicórnio!
- Com dois cornos! rectificou o meu colega, Émile Dudard, licenciado em direito, jurista eminente, prometendo um brilhante futuro na casa e, talvez, no coração de Daisy.
- Eu não o vi! E não acredito! declarou Botard, antigo professor que tinha a função de arquivista. E nunca ninguém viu no país, a não ser nas imagens dos manuais escolares. Esses rinocerontes só floriram na imaginação das donas de casa. É um mito, exactamente como os pires voadores.

Eu ia fazer ver a Botard que a expressão “florir” aplicada a um ou mais rinocerontes me parecia imprópria, quando o jurista exclamou:

- Houve no entanto um gato esmagado, e testemunhas!
- Psicose colectiva, replicou Botard que era um espírito forte, é como a religião que é o ópio do povo!
- Eu acredito nos pires voadores, disse Daisy. O chefe cortou rapidamente com a polémica:
- Basta! Chega de tagarelice! Rinocerontes ou não, pires voadores ou não, é preciso que o trabalho seja feito.

A dactilógrafa pôs-se a bater à máquina. Eu sentei-me à minha secretária, absorvi-me nos meus papéis. Émile Dudard começou a corrigir as provas de um comentário da lei contra o alcoolismo, ao passo que o chefe, batendo a porta, retirou-se para o seu gabinete.

- É uma mistificação! resmungou ainda Botard na direcção de Dudard. É a sua propaganda que faz correr estes boatos!
- Não é propaganda, intervi eu.
- Se eu vi..., confirmou Daisy ao mesmo tempo que eu.
- O senhor faz-me rir, disse Dudard a Botard. Propaganda? Com que fim?
- O senhor sabe-o melhor que eu! Não se faça de inocente!
- De qualquer modo, eu não sou pago pelos Pontenegrinos.
- É um insulto! disse Botard batendo com o punho na mesa.

A porta do gabinete do chefe abriu-se de súbito; apareceu a cabeça dele:

- O Senhor Boi não veio hoje.
- De facto. Ele não está, disse eu.
- Eu precisava justamente dele. Ele comunicou que estava doente? Se isto continua, ponho-o no olho da rua.

Não era a primeira vez que o chefe proferia semelhantes ameaças ao nosso colega.

- Algum de vocês tem a chave da sua secretária? continuou ele. Nesse momento exacto entrou a Sr.<sup>a</sup> Boi. Parecia assustada:

- Peço-lhe que desculpe o meu marido. Foi visitar a família no fim-de-semana. Está com gripe. Faça o favor, ele explica no telegrama. Conta voltar quarta-feira. Dê-me um copo de água... e uma cadeira! disse ela e abateu-se sobre o banco que lhe estendemos.
- É aborrecido! Mas não é motivo para a senhora perder a cabeça! observou o chefe.
- Fui perseguida por um rinoceronte desde casa até aqui, balbuciou ela.
- Unicórnio ou com dois cornos? perguntei eu.

- O senhor faz-me rir! exclamou Botard.
- Deixem-na falar! indignou-se Dudard.

A Sr.<sup>a</sup> Boi teve de fazer um grande esforço para precisar:

- Ele está lá em baixo, à entrada. Parece querer subir a escada.

No mesmo instante, ouviu-se um barulho enorme: os degraus da escada enterravam-se sem dúvida sob um peso formidável. Nós precipitámo-nos para o patamar. De facto, entre os escombros, de cabeça baixa, exalando bramidos angustiados e angustiantes, estava ali um rinoceronte inutilmente às voltas. Pude ver que tinha dois cornos.

- É um rinoceronte africano..., disse eu, ou antes asiático.

A confusão da minha mente era tal que eu já não sabia se a bicornidade caracterizava o rinoceronte da Ásia ou o da África, se a unicornidade caracterizava o rinoceronte da África ou da Ásia, ou se, ao contrário, a bicornidade... Enfim, eu baralhava-me mentalmente, enquanto Botard fuzilava Dudard com o olhar.

- É uma maquinação infame! e, com um gesto de orador de tribuna, apontando o dedo na direcção do jurista: A culpa é sua!
- É sua! replicou este último.
- Acalmem-se, o momento não é próprio! declarou Daisy, tentando, em vão, apaziguá-los.
- Há que tempos que eu peço à Direcção Geral que nos construa degraus de cimento para substituir esta velha escada carcomida! disse o chefe. Uma coisa assim tinha fatalmente de acontecer. Era de prever. Eu tinha razão.
- Como sempre, ironizou Daisy. Mas como vamos nós descer?
- Eu abraço-a! brincou o chefe acariciando a bochecha da dactilógrafa, e saltaremos juntos!
- Não ponha no meu rosto a sua mão rugosa, seu paquiderme!

O chefe não teve tempo de reagir. A Sr.<sup>a</sup> Boi que se tinha levantado e se tinha juntado a nós e que fixava, havia alguns instantes, atentamente o rinoceronte às voltas debaixo de nós, expeliu bruscamente um grito terrível:

- É o meu marido! Boi, meu pobre Boi, que te aconteceu?

O rinoceronte, ou antes Boi, respondeu com um bramido ao mesmo tempo violento e terno, enquanto a Sr.<sup>a</sup> Boi desmaiava nos meus braços e Botard, levantando os seus, esbracejava enfurecido:

- É pura loucura! Que sociedade!

\*

Passados os primeiros momentos de surpresa, telefonámos aos bombeiros que chegaram com as suas escadas e nos fizeram descer. A Sr.<sup>a</sup> Boi, ainda que o tenhamos desaconselhado, partiu sobre o lombo do seu cônjuge em direcção ao domicílio conjugal. Era um motivo para ela se divorciar (culpa de quem?), mas ela preferiu não abandonar o seu marido naquele estado.

No pequeno restaurante aonde íamos todos comer (sem os Boi, claro), soubemos que vários rinocerontes foram vistos em diferentes locais da cidade: sete segundo uns; dezassete segundo outros; trinta e dois segundo outros ainda. Perante todas estas testemunhas, Botard já não podia negar a evidência rinocérica. Mas sabia, afirmava ele, a que se agarrar. Explicaria um dia. Ele sabia o “porquê” das coisas, os “por baixo” da história, os “nomes” dos responsáveis, o objectivo e o significado desta provocação. Não havia hipótese de voltarmos ao escritório de tarde, paciência. Era preciso esperar que se arranjasse a escada.

Eu aproveitei para visitar o Jean, com a intenção de me reconciliar com ele. Ele estava deitado.

- Não me sinto muito bem! – disse ele.
- Sabe, Jean, nós tínhamos ambos razão. Há na cidade rinocerontes com dois cornos assim como rinocerontes com um corno. De onde vêm uns, de onde vêm os outros, isso no fundo pouco importa. O que conta para mim é a existência do rinoceronte em si.
- Não me sinto muito bem, repetia o meu amigo, sem me ouvir, não me sinto muito bem!
- Que tem você? Estou desolado!
- Um pouco de febre. Enxaquecas.

Era a fronte que lhe doía. Devia, dizia ele, ter batido com a cabeça. Ele tinha uma bossa de facto que aparecia mesmo por cima do nariz. A tez dele estava esverdeada. Estava rouco.

- Dói-lhe a garganta? Talvez seja uma angina.

Tomei-lhe o pulso. O ritmo era regular.

- Não é, decerto, muito grave. Alguns dias de repouso e passa. Chamou o médico?

Antes de lhe largar o pulso, apercebi-me que as suas veias estavam todas inchadas, salientes.

Observando de mais perto, reparei que não somente as veias tinham engrossado, mas que toda a pele à volta mudava de cor, à vista, e endurecia. “É talvez mais grave do que me parecia”, pensei eu.

- É preciso chamar o médico, disse eu em voz alta.
- Não me sentia à vontade dentro das roupas, agora o meu pijama também me incomoda, disse ele com uma voz rouca.
- Que é que ela tem, a sua pele? Dir-se-ia couro... Depois, olhando-o fixamente: Sabe o que aconteceu ao Boi? Tornou-se rinoceronte.
- E depois? Não é tão mau como isso! Ao fim e ao cabo, os rinocerontes são criaturas como nós, que têm direito à vida como nós...

- Com a condição de não destruírem a nossa. Dá-se conta da diferença de mentalidade?
- Pensa que a nossa é preferível?
- Em todo o caso, nós temos a nossa própria moral que eu julgo incompatível com a desses animais.
- A moral! Já me chega de moral, é bonita a moral! É preciso ultrapassar a moral.
- E o que é que metia no lugar dela?
- A natureza!
- A natureza?
- A natureza tem as suas leis. A moral é anti-natural.
- Se compreendo bem, quer trocar a lei moral pela lei da selva!
- Aí viverei, aí viverei.
- Isso diz-se. Mas no fundo, ninguém...
- É preciso reconstituir os fundamentos da nossa vida. É preciso voltar à integridade primordial.
- Dá-se conta que nós temos uma filosofia que esses animais não têm, um sistema de valores insubstituível, que séculos de civilização humana construíram...
- Arrasemos com tudo isso, vai ser melhor.
- Não o levo a sério. Está a brincar, está a fazer poesia. O homem, o humanismo...
- O humanismo está fora de moda. Você é um velho sentimental ridículo. Está a dizer disparates.
- Estou espantado de o ouvir dizer isso, meu caro Jean! Está a perder a cabeça?

Ele parecia realmente perdê-la. Um furor cego tinha-lhe desfigurado o rosto, transformado a sua voz a tal ponto que eu quase não compreendia as palavras que saíam da sua boca.

- Tais afirmações vindas da sua parte..., quis eu continuar.

Ele não me deu hipótese. Atirou com os cobertores, arrancou o pijama, pôs-se de pé em cima da cama, totalmente nu (ele, ele, tão pudico habitualmente!) verde de cólera dos pés à cabeça.

A bossa da testa tinha-se alongado; o olhar estava fixo, parecia já não me ver. Ou antes sim, ele via-me muito bem porque avançava para mim, de cabeça baixa. Tive tempo à justa para dar um salto de lado, senão ele tinha-me pregado à parede.

- Você é rinoceronte! gritei eu.
- Eu vou-te esmagar! Eu vou-te esmagar! pude ainda compreender enquanto me precipitava para a porta.

Desci as escadas quatro a quatro enquanto as paredes tremiam com os golpes de corno e eu o ouvia lançar horríveis bramidos raivosos.

- Chamem a polícia! Chamem a polícia! Têm um rinoceronte no prédio! gritava eu aos locatários da casa que, muito espantados, entreabriam, nos patamares, as portas dos seus apartamentos, à minha passagem.

Tive muita dificuldade em evitar no rés-do-chão o rinoceronte que, saindo da cabine da porteira, me queria atacar, antes de me achar enfim na rua, alagado em suor, as pernas bambas, já sem forças.

Felizmente, havia ali um banco, na beira do passeio, no qual me sentei. Mal tive tempo de recobrar a respiração: vi uma manada de rinocerontes que desciam a toda a velocidade a avenida em declive, aproximando-se a todo o vapor do sítio em que me encontrava. Ainda se eles se contentassem com o meio da rua! Mas não, eles eram tão numerosos que não cabiam lá e transbordavam pelos passeios. Saltei do meu banco, atirei-me contra uma parede: bufando, bramindo, cheirando ao calor da fera e do couro, eles roçaram-me, envolveram-me numa nuvem de pó. Quando desapareceram, não me pude voltar a sentar no banco: as feras haviam-no demolido, e ele jazia, em pedaços, pelo chão.

\*

Foi-me difícil recobrar destas emoções. Tive de ficar alguns dias em casa. Recebia as visitas de Daisy que me mantinha ao corrente das mutações que se produziam.

Foi o chefe do escritório, o primeiro, que se tornou rinoceronte, para grande indignação de Botard que, entretanto, se tornou ele próprio rinoceronte vinte e quatro horas mais tarde.

- Temos de seguir o nosso tempo! foram as suas últimas palavras humanas.

O caso de Botard não me surpreendia muito, apesar da sua aparente firmeza. Compreendia menos facilmente a transformação do chefe. Claro que nele a transformação era talvez involuntária, mas podia-se acreditar que ele teria força para resistir mais.

Daisy recorda-se de lhe ter dito que ele tinha as palmas das mãos rugosas no mesmo dia da aparição de Boi em rinoceronte. Isso deve tê-lo impressionado muito, ele não mostrou, mas é certo que tinha sido profundamente tocado.

- Se eu tivesse sido menos violenta, se eu lho tivesse dito com mais cuidado, a coisa talvez não tivesse acontecido.
- Eu também me censuro de não ter sido mais macio com o Jean. Devia-lhe ter mostrado mais amizade, ter sido mais compreensivo, disse eu pela minha vez.
- Não te atormentes. Tu fizeste o que podias. Não se pode fazer o impossível. Para que servem os remorsos? Não penses mais nessa gente. Esquece. Deixa as más recordações de lado.
- Elas fazem-se ouvir, essas recordações, fazem-se ver. São reais.
- Não te julgava tão realista, julgava-te mais poético. Tu não tens imaginação? Há várias realidades! Escolhe a que te convém. Evade-te no imaginário.

- Fácil de dizer!
- Vais estragar tudo com os teus casos de consciência! Todos cometemos erros, talvez. No entanto, nós somos relativamente melhores que a maior parte das pessoas. Nós somos bons, os dois.
- É verdade, tu és boa e eu sou bom. É verdade.
- Então, nós temos o direito de viver. Temos mesmo o dever, em relação a nós próprios, de ser felizes, independentemente de tudo. A culpa é um sintoma perigoso. É um sinal de falta de pureza.

Daisy contou-me que também Dudard se tinha transformado, assim como um primo dela que eu não conhecia. E outras pessoas ainda, amigos comuns, desconhecidos.

- São imensos, disse ela, talvez um quarto dos habitantes da cidade.
- Mesmo assim ainda estão em minoria.
- À velocidade a que as coisas andam, isto não pode durar muito! suspirou ela.
- Ai! E eles são tão mais eficazes.

As manadas de rinocerontes percorrendo as ruas a toda a velocidade tornou-se uma coisa, que já não surpreendia ninguém. As pessoas afastavam-se à sua passagem, depois continuavam o seu passeio, voltavam às suas tarefas, como se não fosse nada.

- Como é que podemos ser rinocerontes! É impensável! exclamei eu.

Eles saíam dos pátios, eles saíam das casas, das janelas também e iam juntar-se aos outros.

Numa dada altura as autoridades quiseram fechá-los em grandes cercas. Por razões humanitárias, a Sociedade protectora dos Animais opôs-se. De resto, cada um tinha entre os rinocerontes um parente próximo, um amigo, o que, por razões de fácil compreensão, tornava quase impossível a execução prática do projecto. Abandonaram-no.

A situação agravava-se, o que era de prever. Um dia, um regimento inteiro de rinocerontes, depois de ter feito desmoronar as paredes da caserna, saiu, tambores na cabeça e escoou-se nas avenidas.

No Ministério da Estatística, os estatísticos estatisticavam: recenseamento dos animais, cálculo aproximativo do aumento quotidiano do seu número, tanto por cento de unicórnios, tanto de bicórnios... Que oportunidade de sábias controversas! Houve cedo deserções entre os próprios estatísticos. Os raros que permaneceram eram pagos a peso de ouro.

Um dia, da minha varanda, vislumbrei, bramindo e investindo ao encontro sem dúvida dos seus camaradas, um rinoceronte levando um chapéu de palha espetado no corno.

- O lógico! exclamei eu. Ele também, como é possível?

Nesse preciso instante Daisy abriu a porta.

- O lógico é rinoceronte! disse-lhe eu.

Já sabia. Tinha acabado de o ver na rua. Ela trazia um cesto de mantimentos.

- Queres que almoçemos juntos? propôs ela. Sabes, tive dificuldade em encontrar alimentos. As lojas estão devastadas: eles devoram tudo. Algumas lojas estão fechadas “por motivo de transformação” está escrito nos letreiros.

- Amo-te, Daisy, não me deixes mais.

- Fecha a janela, querido. Eles fazem demasiado barulho. E o pó sobe até aqui.

- Desde que estejamos juntos, não terei medo de nada, tudo me é indiferente. A seguir, depois de ter fechado a janela: Eu pensava que nunca mais me poderia apaixonar por uma mulher.

Apertei-a nos meus braços com força. Ela respondeu ao meu abraço.

- Como eu queria fazê-la feliz! Podes ser feliz comigo?

- Porque não? Afirmas não ter medo de nada e tens medo de tudo! Que nos pode acontecer?

- Meu amor, minha alegria! balbuciava eu beijando-lhe os lábios com uma paixão que não me conhecia, intensa, dolorosa.

A campainha do telefone interrompeu-nos.

Ela desembaraçou-se do meu abraço, foi para o aparelho, levantou o auscultador, gritou:

- Ouve...

Pus o auscultador na orelha. Ouviam-se bramidos selvagens.

- Eles agora pregam-nos partidas!
- O que é que está a acontecer? assustou-se ela.

Ligámos a rádio para saber as notícias: eram bramidos também. Ela tremia.

- Calma, disse eu, calma!

Aterrorizada, ela exclamou:

- Eles ocuparam as instalações da Rádio!
- Calma! Calma! repetia eu cada vez mais agitado.

No dia seguinte na rua era assim por todo o lado. Podia-se ficar horas a olhar: não nos arriscávamos a avistar um único ser humano. A nossa casa tremia sob os cascos dos perissodáctilos, nossos vizinhos.

- Que vai acontecer, dizia Daisy. Que queres tu que se faça?
- Eles ficaram todos doidos. O mundo está doente.
- Não seremos nós que o curaremos.
- Não nos poderemos entender com ninguém. Tu compreende-los, compreendes?
- Devíamos tentar interpretar a psicologia deles, aprender a sua linguagem.
- Eles não têm linguagem.
- Que é que tu sabes disso?
- Falamos disso mais tarde. Agora é preciso comer.
- Já não tenho fome. É demais. Já não posso resistir mais.

- Ouve, Daisy, nós teremos filhos, os nossos filhos terão filhos, isto levará o seu tempo, mas nós os dois juntos podemos regenerar a humanidade. Com um pouco de coragem...
- Eu não quero ter filhos.
- Então como é que queres salvar o mundo?
- Porquê salvá-lo?
- Que pergunta!... Fá-lo por mim, Daisy. Salvemos o mundo.
- Ao fim e ao cabo, nós é que talvez precisemos de ser salvos. Talvez sejamos nós os anormais. Tu vês outros da nossa espécie?
- Daisy, não quero ouvir-te dizer isso!
- Eles têm um ar contente. Sentem-se bem na pele deles. Cantam, ouves?
- Eles não cantam, eles bramem.
- Cantam.
- Bramem, digo-te eu.
- És doido, eles cantam.
- Tu não tens ouvido para a música.
- Tu não sabes nada de música, meu pobre amigo, e depois, olha, eles brincam, eles dançam.
- Chamas àquilo dança?
- É a maneira deles. São bonitos.
- São ignóbeis!
- Não quero que digam mal. Faz-me pena.
- Desculpa. Não vamos discutir por causa deles.
- São deuses.
- Tu exageras, Daisy, olha bem para eles.
- Não sejas ciumento, meu querido.

- É melhor não discutirmos mais.
- Não sejas mesquinho.
- Não sejas estúpida.
- Eles não têm ar de doidos. São muito naturais. Tinham razões.

Eu olhava-a desesperado.

- Nós é que temos razão, Daisy, asseguro-te.
- Que pretensão! Não há razão absoluta. É o mundo que tem razão, não és tu nem eu.
- Sim, Daisy, eu tenho razão. A prova é que tu me compreendes e que eu te amo tanto quanto um homem pode amar uma mulher.
- Eu tenho um bocado de vergonha do que tu chamas amor, esta coisa mórbida... esta fraqueza do homem. E da mulher. Isso não pode comparar-se com a energia extraordinária que libertam todos estes seres à nossa volta.
- Energia? Toma a energia! disse eu, já sem argumentos dando-lhe uma bofetada.

Depois enquanto ela chorava:

- Eu não abdicarei, eu não abdicarei.

Ela levantou-se, desfeita em lágrimas, envolveu-me o pescoço com os braços perfumados.

- Eu resistirei, contigo, até ao fim.

Ela não conseguiu manter a palavra. Tornou-se triste, enfraquecia a olhos vistos. Uma manhã, ao acordar, vi o seu lugar vazio na cama. Abandonou-me sem me deixar uma palavra.

A situação tornou-se para mim literalmente insustentável. A culpa da Daisy ter partido era minha. Quem sabe o que lhe aconteceu? Mais alguém na minha consciência. Não havia ninguém que pudesse ajudar-me a encontrá-la. Eu imaginava o pior, sentia-me responsável.

E por todo o lado os bramidos deles, as suas corridas loucas, as nuvens de pó. Fechei-me em casa, meti algodão nas orelhas: via-os, de noite, em sonhos.

- Não há outra solução senão convencê-los. Mas a quê? Seriam as mutações reversíveis? E para os convencer, era preciso falar-lhes. Para que eles reaprendessem a minha língua (que eu começava aliás a esquecer) era preciso primeiro que eu aprendesse a deles. Eu não distinguia um bramido de um outro, um rinoceronte de um outro rinoceronte.

Um dia, olhando-me ao espelho, achei-me disforme com o meu longo rosto: faltou-me um corno, ou até dois, para realçar os meus traços caídos.

E se, como me havia dito Daisy, eram eles que tinham razão? Eu estava atrasado, tinha perdido o comboio, era evidente.

Descobri que os bramidos deles tinham apesar de tudo um certo charme, um pouco rude é certo. Teria de me aperceber quando chegasse a hora. Tentei bramir: que fraquinho, que falta de vigor. Quando fazia um esforço maior só conseguia uivar. Os uivos não são bramidos.

É evidente que não se deve ir sempre a reboque dos acontecimentos e que se deve conservar a originalidade. É preciso também entretanto fazer parte das coisas; diferenciar-se, sim, mas... entre os seus semelhantes. Eu já não me parecia com ninguém, nem com nada, salvo com velhas fotos fora de moda que já não tinham relação com os vivos.

Todas as manhãs eu olhava as minhas mãos na esperança que as palmas tivessem endurecido durante o sono. A pele continuava mole. Contemplava o meu corpo demasiado branco, as minhas pernas peludas: ah, ter uma pele dura e essa magnífica cor verde escura, uma nudez decente, como eles, sem pêlos!

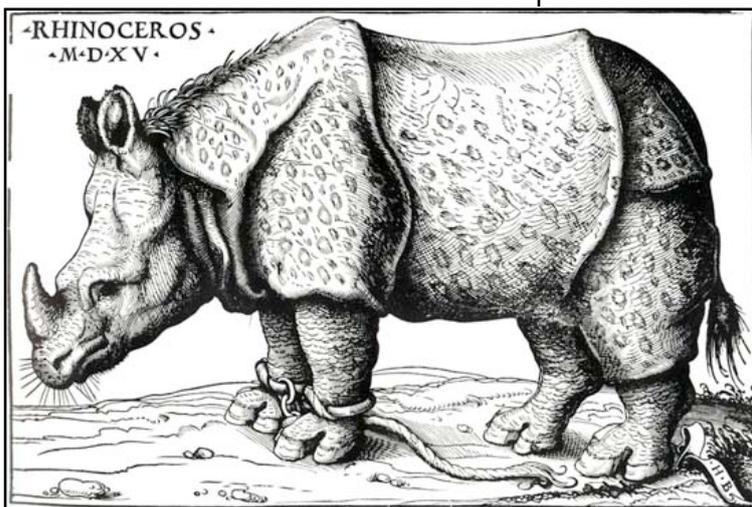
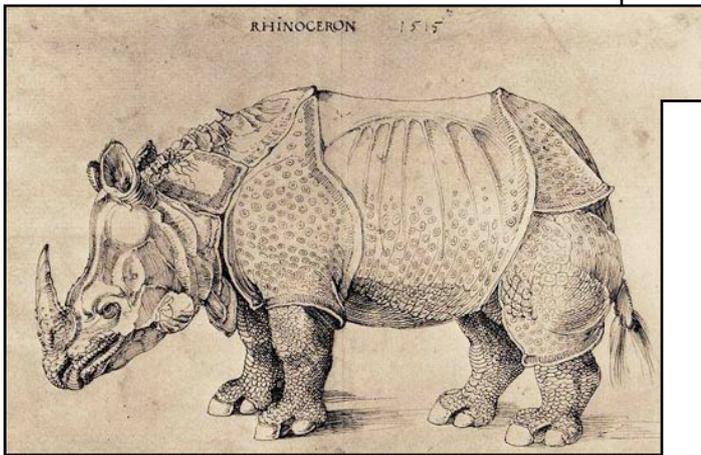
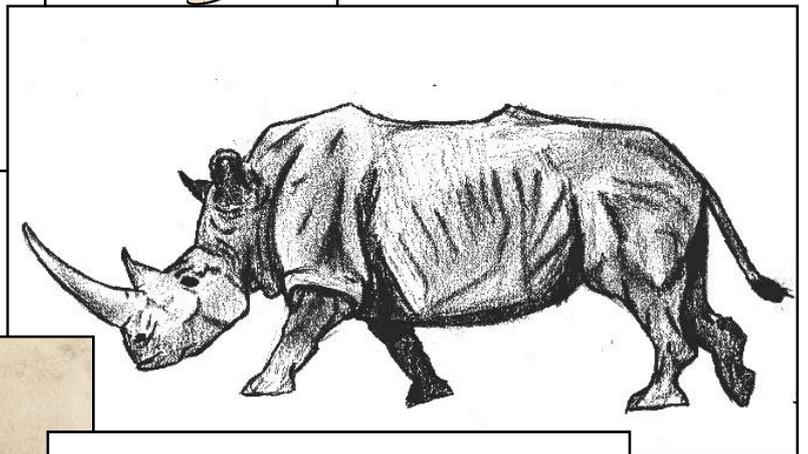
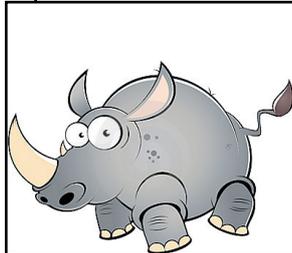
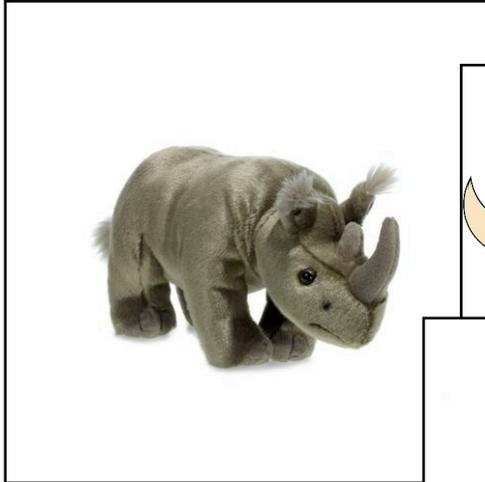
Tinha a consciência cada vez pior, mais infeliz. Sentia-me um monstro. Ai, eu nunca me tornaria rinoceronte: já não podia mudar.

Já não tinha coragem de me olhar. Tinha vergonha. E no entanto, não podia, não, eu não podia.

**Fim**

## ANEXO 2

### Alguns rinocerontes



## ANEXO 3

### Protocolo com a Escola de Mulheres, Oficina de Teatro & rider técnico



#### PROTOCOLO

Entre:

**ESCOLA DE MULHERES, OFICINA DE TEATRO LDA.**, com sede na Pç. B à Tv. Sargento Abílio, nº 4 A Loja (Praça António Baião), 1500-712 Lisboa, contribuinte nº 503957607, representada pelas suas directoras Fernanda Lapa e Isabel Medina, de agora em diante designada por **EMOT**.

e

**BRUNO MANUEL MIRANDA MENDES**, contribuinte nº 226650243, com morada na Rua Camilo, 6, bloco 3, 2º Esquerdo, 4490-485 Póvoa de Varzim, de agora em diante designado por **BRUNO MENDES**.

É celebrado o presente protocolo, que se rege pelas alíneas seguintes:

#### ALÍNEA PRIMEIRA

##### (Âmbito e Objecto)

Constitui objecto do presente Protocolo a apresentação por **BRUNO MENDES** do espectáculo "RINOCERONTE", no Clube Estefânia (espaço Escola de Mulheres), sito na Rua Alexandre Braga, nº 24 A, 1150-004 Lisboa, integrado no Festival de Monólogos – CABEÇAS FALANTES, nos dias 2, 3, 4 e 5 de Dezembro, de 5ª a Sábado às 21h.30, Domingo às 16 horas.

#### ALÍNEA SEGUNDA

##### (Obrigações de BRUNO MENDES)

**BRUNO MENDES** obriga-se a:

- a) Apresentar o espectáculo nos dias e horários referidos na alínea anterior;
- b) Suportar todos os encargos referentes aos direitos autorais relativos ao espectáculo;
- c) Suportar os cachets de toda a equipa agregada ao espectáculo, à excepção da equipa da EMOT;
- d) Enviar todo o material necessário à divulgação e promoção do espectáculo, livre de quaisquer ónus ou encargos, autorizando desde já a sua reprodução para fins promocionais;
- e) Garantir a sua disponibilidade para participar em conferências de imprensa e entrevistas que, eventualmente, sejam promovidas pela EMOT, atempadamente comunicadas.
- f) Fornecer atempadamente à EMOT toda a documentação necessária, autorizações dos direitos autorais e classificação etária do espectáculo, para que seja requerida a licença de representação;
- g) É da responsabilidade de **BRUNO MENDES** a segurança das pessoas e bens que integrem o Evento, devendo para o efeito fazer os seguros adequados.

- h) É da responsabilidade de BRUNO MENDES garantir todas as despesas que sejam inerentes às deslocações, estadias e alimentação durante todo o período de montagem e de espectáculos, da equipa agregada ao espectáculo, à excepção da equipa da EMOT.

**ALÍNEA TERCEIRA**  
**(Obrigações da EMOT)**

A Escola de Mulheres obriga-se a:

- a) Disponibilizar o espaço necessário para a realização do espectáculo no Clube Estefânia;
- b) Assegurar a disponibilidade dos dias 29 e 30 de Novembro e 1 de Dezembro para a montagem do espectáculo, estando os ensaios condicionados às actividades do próprio Clube Estefânia, não sendo possível realizar ensaios a partir das 19.30 à segunda-feira e à quarta-feira. Os ensaios gerais terão de ser efectuados terça-feira à noite e quarta-feira à tarde;
- c) A produção da Escola de Mulheres garantirá a divulgação do espectáculo através da comunicação social, site da Escola de Mulheres, Facebook e base de dados, telão no exterior do edifício e em todos os meios que tiverem ao alcance desta companhia;
- d) A Escola de Mulheres garantirá uma pessoa que fará a bilheteira e a frente de casa;
- e) A EMOT garantirá a equipa técnica para montagem do espectáculo da qual fazem parte duas pessoas – ambas com conhecimentos de luz, som, vídeo e técnicas de palco - conjuntamente com a equipa de BRUNO MENDES;
- f) A EMOT garantirá o material técnico de luz e som necessário ao espectáculo e em conformidade com o rider técnico anexado ao presente protocolo.

**ALÍNEA QUARTA**  
**(Direitos)**

Pelo presente protocolo, e sem que seja devido a BRUNO MENDES ou a qualquer elemento que integra o Espectáculo qualquer pagamento suplementar, a EMOT adquire, sobre os espectáculos os seguintes direitos:

- a) O direito de os gravar para fins de arquivo, promocionais da EMOT e informativos;

O pagamento dos direitos de autor acordados com a Sociedade Portuguesa de Autores ou seus representantes são da responsabilidade integral de BRUNO MENDES.

- b) A licença de representação será da responsabilidade da Escola de Mulheres, mediante a entrega de toda a documentação necessária por parte de BRUNO MENDES.

**ALÍNEA QUINTA**

**(Pagamento)**

Pela participação no Festival de Monólogos – CABEÇAS FALANTES, a EMOT obriga-se a pagar a BRUNO MENDES, 75% do valor da bilheteira. O valor do IVA (6%) dos bilhetes vendidos reverte inteiramente a favor da entidade promotora – Escola de Mulheres - sendo calculado sobre o valor total da bilheteira;

- a) O pagamento será efectuado após a apresentação do último espectáculo, isto é, dia 5 de Dezembro.

**ALÍNEA SEXTA**

**(desmontagem)**

A desmontagem do espectáculo será efectuada logo após o último espectáculo pelos elementos da equipa de BRUNO MENDES, conjuntamente com a equipa técnica da EMOT.

Todo o material do espectáculo (cenografia, adereços, figurinos) deverá ser retirado da sala logo após a desmontagem – dia 5 de Dezembro.

**ALÍNEA SÉTIMA**

**(Foro)**

O presente protocolo é feito de boa-fé, acordando as partes em dirimir qualquer conflito emergente do presente protocolo no Foro da Comarca de Lisboa, com expressa renúncia de qualquer outro.

Feito em duplicado, 12 de Agosto de 2010, ficando um original devidamente assinado e rubricado, na posse de cada um dos signatários.

A ESCOLA DE MULHERES

BRUNO MENDES

\_\_\_\_\_  
(Fernanda Lapa)

  
\_\_\_\_\_  
(Bruno Mendes)

\_\_\_\_\_  
(Isabel Medina)

**Rider técnico (parte integrante do protocolo)**

**Condições técnicas:**

**I. Palco**

- a. Palco com 7,16 metros profundidade x 10,20 metros largura (com proscénio)
- b. Bastidores de 1,82 mt.
- c. 7,5 mt. (altura do palco até à teia)
- d. Palco com 80 cm (em relação à plateia)
- e. 4,20 mt (altura da boca de cena)

**II. Plateia**

- a. 127 lugares sentados;
- b. A plateia poderá estar configurada para uma sala convencional ou ter outra disposição;
- c. 9,57 mt. comprimento x 10,15 mt. Largura

**III. Equipamento de Luz**

- a. Mesa de luz de 96 canais Smartfade
- b. Mesa de Luz ADB 24 canais (manual)
- c. 48 canais dimmer
- d. 6 recortes ADB 650 wt.
- e. 18 Fresnel ADB 650 wt.
- f. 8 pc ADB 650 wt.
- g. 1 Follow Spot 2000 wt.
- h. 3 pc Harmony Strand 1000 wt.
- i. 8 recortes ADB 1000 wt.
- j. 5 Fresnel Strand 650 wt. (muito velhinhos)

**IV. Equipamento de som**

- a. Mesa mistura amplificada, "Spirit Powerstation 600 by soundcraft"; 2x300W (RMS); 8 canais mono e 2 estéreo; processador de efeitos e filtro subsónico de 40hz, etc;
- b. 2 Colunas passivas de 2 vias, 300W- 600W, sensibilidade de 98db, marca FBT, modelo MaxX 4.
- c. 1 Microfone Dinâmico AKG D880
- d. 1 Cd Sony

**V. Equipamento de vídeo**

- a. Panasonic – 2600 ansi lumens

## ANEXO 4

### Sobre o EMDR



#### **EMDR (Eye Movement Desensitization and Reprocessing)**

EMDR, um método de tratamento notável descoberto há 14 anos, actualmente utilizado por mais de 40.000 terapeutas em todo o mundo, pode curar os sintomas de traumas e de outras patologias emocionais, e melhorar substancialmente o desempenho e a criatividade. Investigações científicas exaustivas demonstraram que é o método mais eficaz e rápido para a cura de PTSD (Post Traumatic Stress Disorder).

Uma característica única do EMDR é a utilização de estimulação bilateral – movimentos do olho esquerdo/direito, estimulação sonora ou táctil – que activa repetidamente lados opostos do cérebro. Isto ajuda o sistema neurofisiológico, que está na base da conexão entre o corpo e a mente, a libertar-se de bloqueios e a recuperar o equilíbrio.

Os terapeutas de EMDR curaram com êxito já mais de um milhão de pessoas que sofriam de PTSD com origem em acidentes graves, violações, assaltos, assassinio ou suicídio de entes queridos, terrorismo, tortura, combates militares e desastres naturais, em apenas uma a três sessões prolongadas em vez dos meses e anos que outros tratamentos habitualmente requerem para este tipo de problemas. Embora seja necessário bastante mais tempo, o EMDR também é notavelmente eficaz no tratamento de adultos traumatizados por abusos continuados do foro mental, físico e sexual durante a infância.

Um actor ou atleta que sofra de ansiedade e perda de auto confiança apresenta os mesmos efeitos que se encontram nos que sofrem de um acontecimento traumático. O EMDR resolve essas inibições da mesma maneira rápida e eficaz que no caso dos traumas e consegue resultados surpreendentes no desempenho e na melhoria de criatividade de atletas, actores, artistas e escritores.

O EMDR tem aplicação directa em quase todas as situações humanas, incluindo fobias (ansiedade social, medo de falar em público ou de voar), depressão, dissociação, DOC (desordens obsessivo-compulsivas), excesso de comida, gestão de raiva, baixa auto-estima e distorções corporais, assim como manifestações fisiológicas de stress (dores de cabeça, de barriga e de costas). O EMDR também é um valioso instrumento de tratamento dos traumas familiares de divórcio, doença ou morte de um ente querido, crise financeira, abuso de álcool ou drogas por pais ou filhos e violência familiar.

**Como funciona?** O EMDR funciona com base na activação bilateral cerebral que resulta do paciente seguir os dedos do terapeuta de um lado para o outro (ou um som movendo-se de um ouvido para outro, ou bater com a palma da mão esquerda e da direita) que estimula uma forte actividade mental. Simultaneamente, o paciente reactiva uma imagem, e respectivas experiências sensoriais, de um acontecimento traumático profundo e das sensações negativas associadas (i.e., a culpa foi minha, não sou bom, nunca poderei voltar a estar seguro). Este processo gera emoções que são frequentemente sentidas como sensações corporais. Com a estimulação bilateral, o paciente é levado a seguir os seus pensamentos e associações de forma acrítica, o que frequentemente leva à recordação de memórias antigas e a rápidas introspecções acompanhadas por uma dissipação sistémica do evento traumático e dos sintomas a ele associados. Após uma experiência EMDR a pessoa pode acreditar profundamente que a crise está no passado, que não foi responsável, e que pode seguir com a sua vida. Isto resulta na pessoa poder finalmente libertar-se, encontrando recuperação e cura profundas.

#### **A. FLUXO NATURAL EMDR – UM MODELO DE RECURSO CRIATIVO**

O Fluxo Natural EMDR é um modelo de desenvolvimento de recursos criativo e integrador. Partindo de outras abordagens (Experiências Somáticas – ES, recurso

corporal, “ego state”), usa inovações práticas (movimentos oculares de várias velocidades e direcções, cura contínua por estimulação sonora, variações tácteis): Esta abordagem envolve procedimentos de saltos suaves na audição essencial conduzindo à “verdade essencial” do paciente e resolução da cura. Trata-se de um modelo sem presunções em que o processo é conduzido suspendendo todas as assunções e cuidadosamente respondendo a todas nas comunicações do momento. Os workshops de Fluxo Natural EMDR combinam leitura com demonstrações ao vivo, participação activa da audiência e exercícios práticos.

## **B. EMDR – MELHORIA DO DESEMPENHO E CRIATIVIDADE**

Esta apresentação ensina a dominar as potentes técnicas EMDR de melhoria do desempenho e criatividade com atletas profissionais e de elite, artistas, escritores, executivos. Também são tratados assuntos relacionados com o desenvolvimento de um negócio bem sucedido de EMDR orientado ao desempenho profissional. O EMDR orientado ao desempenho é explicado como uma abordagem passo a passo, criativa e oportuna, invulgarmente eficaz na remoção de bloqueios e inibições de desempenho e de criatividade, e na elevação dos níveis de desempenho nos casos em que ele já é bom. A neurofisiologia e a psicologia da ansiedade relacionada com o desempenho em público (ansiedade em palestras, pânico no palco, ansiedade nas audições) são ensinadas numa perspectiva teórica e prática. É examinada a utilização do EMDR e do método *Ego State* para resolver a critica interna e o seu impacto particular no desempenho e na criatividade, assim como a utilização do EMDR com atletas para examinar sensações corporais, micro movimentos, o fenómeno de congelamento dos impulsos e o efeito com tendência para a generalização das lesões desportivas.

### **O Sistema Grand – Treino de Actores com EMDR por David Grand, Ph.D.**

*Um método revolucionário que ajuda a eliminar a ansiedade da representação e das audições aumentando a profundidade, espontaneidade e confiança no desenvolvimento das personagens.*

O Dr. David Grand, um especialista de renome mundial na utilização do EMDR, desenvolveu uma abordagem inovadora que ajuda actores de forma rápida e substancial. Grand descobriu que o EMDR, que é extraordinariamente eficaz no

tratamento de experiências traumáticas, também melhora profundamente o desempenho e criatividade – com resultados particularmente notáveis na área da representação. Misturando técnicas tradicionais de formação de actores com uma abordagem psicológica estruturada acelerada por estimulação dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro, David Grand desenvolveu o EMDR para Formação de Actores. Baptizou essa técnica de *Sistema Grand*, que ajuda os actores a atingir rapidamente um estado de relaxação profunda, reduzir ou eliminar a ansiedade do palco ou das audições, activar a memória sensorial, a explorar as personagens com maior profundidade e textura e a representar em palco com maior espontaneidade. Os resultados são substanciais, imediatos e entusiasmantes.

Eis um exemplo do *Sistema Grand* em acção: O actor é levado a visualizar um papel e identificar os seus pensamentos negativos e ansiedades, localizando-os no seu próprio corpo. Estes pensamentos e ansiedades são então dissolvidos utilizando a técnica EMDR de estimulação bilateral. O actor é então conduzido à sua personagem e cria e experimenta emocional e sensorialmente, dentro do seu papel, acontecimentos profundos e emoções moldadas pela vida do próprio personagem (*Active Character Memory – ACM*). A estimulação cerebral do EMDR activa e dá vida, de forma rápida e eficaz, a essas experiências que estão retidas corporalmente e inconscientemente pelo actor. O resultado é uma capacidade surpreendente e vibrante que emerge espontaneamente de dentro para fora tanto no palco como em frente às câmaras.

Quando George Morrison, Professor Emeritus de Artes do Teatro na Universidade do Estado de Nova Iorque e Director e Co-Fundador, com Mike Nichols e Paul Sills, do New Actor's Workshop na cidade de Nova Iorque trouxe Grand ao Workshop para ensinar o *Sistema Grand* nas aulas de cena avançadas, ficou surpreendido com os resultados imediatos. Morrison afirma, “Sinto-me afortunado por ter encontrado David Grand. Em quarenta anos de formação de actores, nunca tinha testemunhado mudanças tão profundas na capacidade de um actor exprimir, partindo do seu intimo, com grande liberdade e autoridade, um sentido mais profundo e complexo da vida da sua personagem – e isso após vinte minutos de trabalho com ele. O seu trabalho é o futuro da formação de actores.” O trabalho de Grand na escola foi observado pelo director Mike Nichols que o qualificou de “notável”. Grand treinou recentemente Evan Seinfeld, cantor dos Biohazard, para o seu papel na série “Oz” da HBO.

Seinfeld descreveu o *Sistema Grand* como “incrivelmente eficaz – espantoso!” O actor David Toner, na preparação do seu papel de Otelo no Virginia State Theater na primavera de 2000, achou o *Sistema Grand* “a experiência de representação mais profunda e extraordinária da minha vida”. Estas reacções são típicas dos actores que experimentaram os efeitos distintivos do *Sistema Grand*.

### **C. EMDR ACTING COACHING – O TRATAMENTO ARTISTICO EMDR**

Acting Coaching é a utilização inovadora dos protocolos EMDR e biolateralidade para ajudar actores a enfrentar os desafios criativos e da representação em público. A representação relaciona-se com a terapia EMDR através da activação da memória emocional, utilização da experiência corporal com imagens e memória sensorial. Esta apresentação dirige-se à ansiedade de palco e de audição, preparação de papéis, entrada na personagem, saída da personagem e criação inconsciente da memória da personagem. Os actores são traumatizados por rejeição constante e por formadores e encenadores que lhes retiram os mecanismos defensivos para evocar emoções – o EMDR *Acting Coaching* proporciona alívio e melhoria do nível criativo. Também é analisado o EMDR *Singing Coaching*. Este workshop utiliza demonstrações ao vivo por actores e cantores profissionais.

*“Como actriz, artista, e mãe, estou emocionada com o sucesso do Dr. Grand na cura de traumas e no apoio dado a pessoas para atingirem melhores níveis de criatividade e desempenho.”* Jane Seymour.

*“ Em quarenta anos de formação de actores, nunca tinha testemunhado mudanças tão profundas na capacidade de um actor exprimir, partindo do seu intimo, com grande liberdade e autoridade, um sentido mais profundo e complexo da vida da sua personagem – e isso após vinte minutos de trabalho com ele. O seu trabalho é o futuro da formação de actores!”* George Morrison, Presidente, The New Actors Workshop.

## ANEXO 5

### Programa do espectáculo

**BRUNO MENDES**  
APRESENTA



2, 3 e 4 de Dezembro de 2010 às 21h30  
5 de Dezembro de 2010 às 16h

Cabeças Falantes - Festival de Monólogos

**autor**\_Eugène Ionesco

**tradução e adaptação**\_Anabela Garcia

**criação**\_Bruno Mendes

**assistência de encenação**\_Ana Mota Ferreira

**operação de som e luz**\_Joana Velez



Um a um, os cidadãos de uma pacata cidade, vão-se transformando em rinocerontes. Bérenger não compreende o que se passa e tenta discutir o assunto com amigos, colegas e outras pessoas à sua volta. O resultado não é conclusivo. Além do mais, há rinocerontes que chegam ao ponto de lhe telefonar para casa e gozar com ele. Eles cantam, dançam e atropelam tudo e todos que apareçam à frente.

Esta é a história, contada na primeira pessoa, de um homem que não se consegue transformar num rinoceronte.

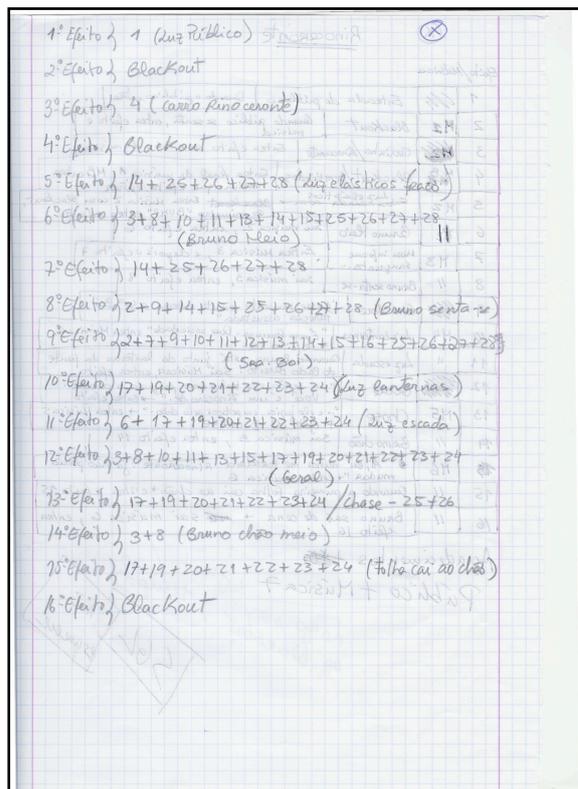
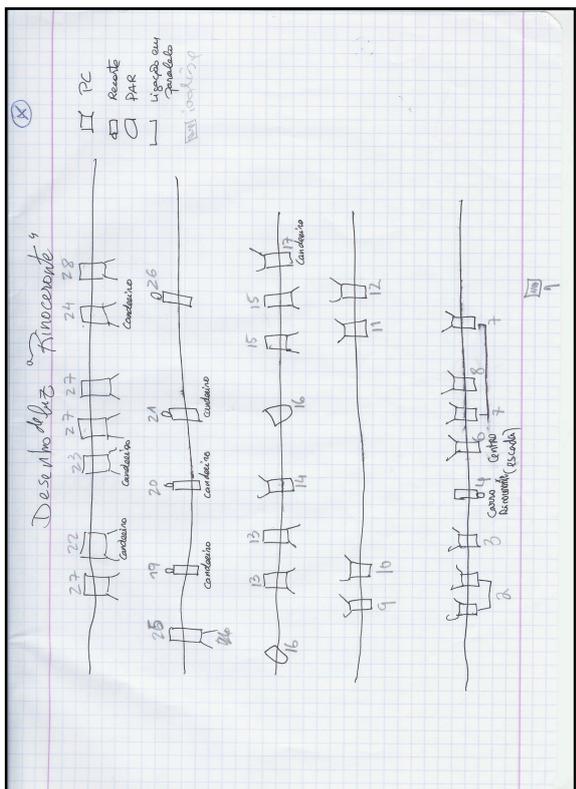
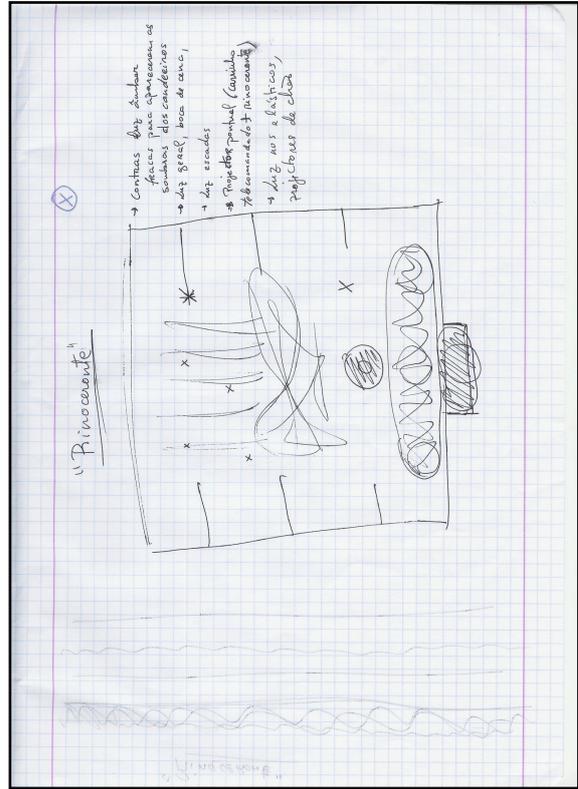
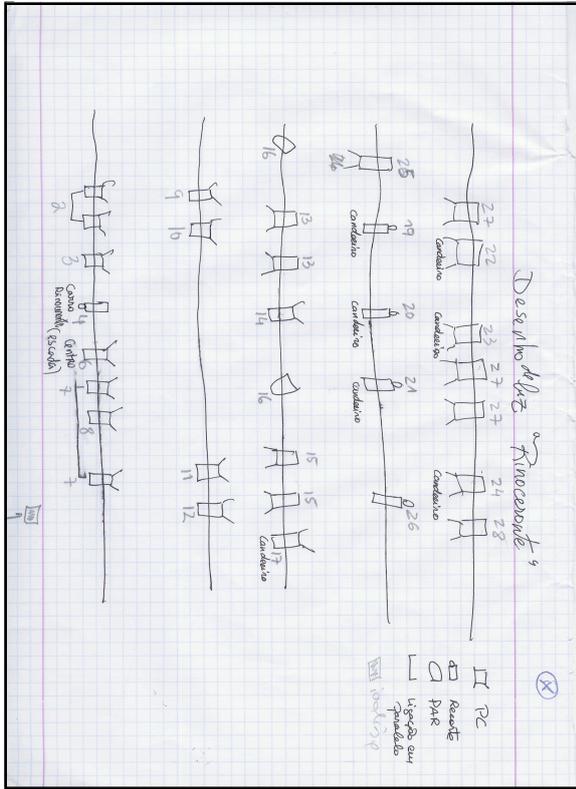


Apoios



# ANEXO 6

## Desenho de luz



# ANEXOS 7

## Direitos de Autor e Classificação Etária

A.L.A. - TEATRO e DANÇA		<b>FICHA DE PRODUÇÃO TEATRAL</b>				 <small>SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES</small>	
<b>DADOS DO PRODUTOR</b> <small>Producer</small>	<b>NOME</b> <small>Name</small>	Bruno Manuel Miranda Mendes					
	<b>MORADA</b> <small>Address</small>	Rua Camilo, 6, bloco 3, 2º Esquerdo					
	<b>LOCALIDADE</b> <small>City</small>	Póvoa de Varzim	<b>CÓDIGO POSTAL</b> <small>Postal Code</small>	4490-485			
	<b>TELEFONE</b> <small>Phone</small>	266891409	<b>TELEMÓVEL</b> <small>Cell-Phone</small>	966937770	<b>FAX</b>	-----	
	<b>ENDEREÇO ELECTRÓNICO</b> <small>E-Mail</small>	bruno_teatro@yahoo.com					
<b>DADOS DA PRODUÇÃO</b> <small>Production</small>	<b>TÍTULO DA OBRA ORIGINAL</b> <small>Title of original work</small>	Rhinocéros					
	<b>TÍTULO DO ESPECTÁCULO</b> <small>Version Title</small>	Rinoceronte					
	<b>GÉNERO</b> <small>Kind of Production</small>	Comédia/Drama					
	<b>ESTREIA</b> <small>Opening Date</small>	2 de Dezembro 2010				<b>LOCAL DE REPRESENTAÇÃO</b> <small>Theatre</small>	<b>LOTAÇÃO</b> <small>Number of Seats</small>
					Clube Estefânia, espaço Escola de Mulheres		100
	<b>Nº DE REPRESENTAÇÕES PREVISTAS</b> <small>Number of Performances</small>	4	<b>ENTRADA PAGA</b> <small>Paid Admission</small>	Sim(Y)	<b>PREÇO MÉDIO DOS BILHETES</b> <small>Average Ticket Price</small>	€10	
	<b>PRODUÇÃO PROFISSIONAL</b> <small>Professional Production</small>	Sim(Y)	<b>TOURNÉE</b> <small>Tour</small>	Não(N)	<b>TERRITÓRIO</b> <small>Territory</small>		
<b>EQUIPA ARTÍSTICA</b> <small>Production Crew</small>	<b>Autor Original</b> <small>Original Author</small>	Eugène Ionesco		<b>Coreografia</b> <small>Choreography</small>	-----		
	<b>Tradutor</b> <small>Translator</small>	Anabela Garcia		<b>Música</b> <small>Music</small>	Kevin Macleod		
	<b>Adaptador</b> <small>Adaptor</small>	Anabela Garcia		<b>cenografia</b> <small>Setting</small>	Bruno Mendes		
	<b>Dramaturgia</b> <small>Dramaturgy by</small>	Bruno Mendes		<b>Figurinos</b> <small>Costumes</small>	Bruno Mendes		
	<b>Encenador</b> <small>Director</small>	Bruno Mendes		<b>Desenho Luz</b> <small>Lights</small>	Paulo Prata Ramos		
<b>AUTORIZAÇÃO</b> <small>Agreement Terms</small>	<b>AUTORIZAÇÃO EXCLUSIVA</b> <small>Exclusive Authorization</small>	Não(N)	<b>PRAZO DE VALIDADE</b> <small>Period</small>	5 de Dezembro de 2010			
	<b>TERRITÓRIO</b> <small>Territory</small>	Portugal					
<b>DADOS DIVERSOS</b> <small>Other information</small>	<b>EDITOR DO TEXTO ORIGINAL</b> <small>Publisher of the Original Work</small>						
	<b>TÍTULOS E AUTORES DOS ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS PRODUZIDOS</b> <small>Last Productions</small>	Primeira produção profissional					
<b>OBSERVAÇÕES</b> <small>Notes</small>	Adaptação a monólogo, mantendo todas as personagens e acções da obra original						
<b>ENTIDADE RESPONSÁVEL PELOS PAGAMENTOS</b>	<b>NOME</b>	Bruno Manuel Miranda Mendes			<b>N.I.F.:</b>	226650243	
	<b>MORADA</b>	Rua Camilo, 6, bloco 3, 2º Esquerdo					
	<b>LOCALIDADE</b>	Póvoa de Varzim	<b>CÓDIGO POSTAL</b>	4490-485			
	<b>Pessoa que obriga</b>	Bruno Manuel Miranda Mendes		<b>Função</b>	Produtor/Encenador/Actor		
<b>DATA</b>	02/11/2010	<b>ASSINATURA</b>	<i>Bruno Manuel Miranda Mendes</i>				
Devolver preenchida para <a href="mailto:teatrodanca@spautores.pt">teatrodanca@spautores.pt</a> , Fax 21 353 02 57 ou Av. Duque de Loulé, 31 – 1069-153 Lisboa							

## AUTORIZAÇÃO

**CONDIÇÃO** 1 a 3

**DATA** 10-11-2010

A Sociedade Portuguesa de Autores faz saber, para os efeitos legais, que autoriza a entidade indicada no **quadro 1** a utilizar a(s) obra(s) de autores por si representados, no espectáculo mencionado no **quadro 2**, nas datas e locais indicados no **quadro 3**.

1	ENTIDADE	FAX Nº
	BRUNO MANUEL MIRANDA MENDES	

2	TÍTULO
	"RINOCERONTE", de Eugène Ionesco
<b>GÉNERO</b>	TEATRO

3	DATA	RECINTO	LOCALIDADE
	02-12-2010 a 05-12-2010	Clube Estefânia	Lisboa

OBSERVAÇÕES
Autorização referente aos autores Eugène Ionesco e Anabela Garcia.

SITUAÇÃO DOS DIREITOS DE AUTOR	
REGULARIZADOS	
EM REGULARIZAÇÃO	X
A REGULARIZAR	

CÓDIGO DO DIREITO DE AUTOR
Decreto-Lei n. 63/85, Art.º 108
A utilização da obra por representação depende de autorização do autor, quer a representação se realize em lugar público, quer em lugar privado, com ou sem entradas pagas, com ou sem fins lucrativos.

A.L.A. - Área de Letras e Artes  
Teatro e Dança



Carla Santos

### CONDIÇÕES

1. As receitas de bilheteira ou o número de representações efectuadas (quando se trate de funções sem entradas pagas) deverão ser comunicadas à SPA até oito dias após a realização dos eventos
2. Em caso de incumprimento do anterior número 1., a SPA reserva-se o direito de efectuar a cobrança tendo em conta a lotação esgotada do recinto.
3. Na ausência ou insuficiência de dados que permitam a identificação das obras e/ou autores, cabe ao Produtor a responsabilidade por qualquer eventual reclamação.
- § ÚNICO) Não poderão ser imputadas à SPA quaisquer responsabilidades pela utilização de obras não pertencentes ao seu reportório ou cujas autorizações não tenham sido por si concedidas.

Requerente: **BRUNO MANUEL MIRANDA MENDES**

**Comunicação de Título - Teatro**

Título: **RINOCERONTE**

Classificação Etária	Nº Registo
<b>M / 12</b>	1269 / 2010

**Nos termos do art.º 20 do DL n.º 396/82, de 21 de Setembro, a publicidade relativa a espectáculos de natureza artística, deverá conter a classificação e demais especificações que tenham sido atribuídas pela Comissão de Classificação, assim como os cartazes e prospectos.**

Notas:

Este endereço de correio electrónico ( [igacinforma@igac.pt](mailto:igacinforma@igac.pt) ) destina-se exclusivamente ao envio de informação.

Por favor não o utilize para enviar mensagens à IGAC, pois não serão recepcionadas.

Em caso de alteração do endereço de email, ou qualquer outro assunto relacionado com o serviço em causa, por favor, envie informação para o endereço [igacgeral@igac.pt](mailto:igacgeral@igac.pt), fazendo referência ao assunto desta mensagem.

IGAC - Acrescentar Valor à Cultura, aos Autores e ao Espectáculo



À procura de colaboradores/as

Olá!

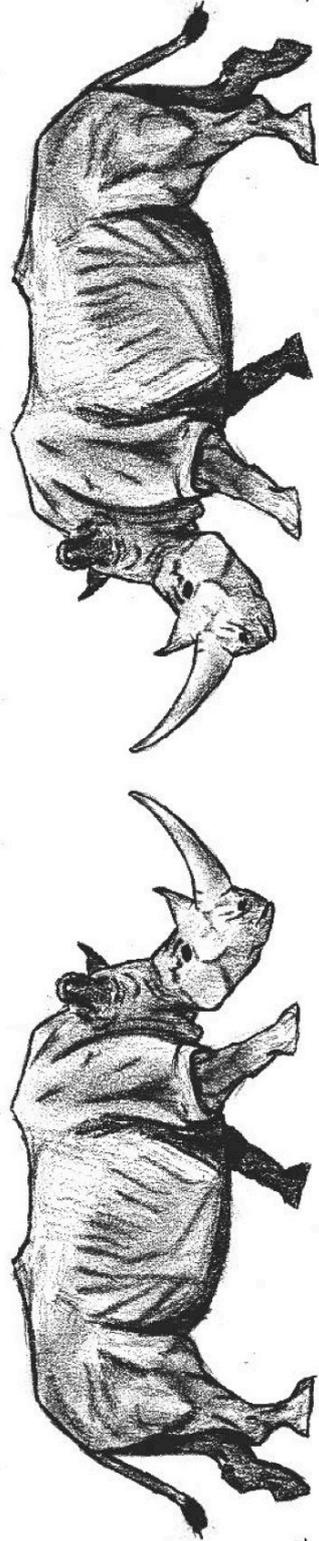
# Procuro colaboradores/as

para o meu próximo projecto "**Rinoceronte**", tradução e adaptação por Anabela Garcia da novela de **Eugène Ionesco** "Rhinocéros" escrita em 1958, editada por Reinhold e Helga Pieper, à qual foram acrescentados pequenos excertos da peça teatral "Rhinocéros" das Éditions Gallimard, 1959.

2, 3, 4 e 5 de Dezembro de 2010 em Lisboa no Clube Estefânia, no âmbito do Festival Cabeças Falantes promovido pela Escola de Mulheres - Oficina de Teatro.

Este espectáculo é o meu trabalho final no Mestrado em Teatro.

Para mais info contactem-me por mail para [bruno\\_teatro@yahoo.com](mailto:bruno_teatro@yahoo.com) ou liguem **966 937 770**



## ANEXO 9

### **Proposta no programa do espectáculo “Rhinoceros” de Eugène Ionesco do Royal Court Theatre**

#### Movement exercises

- The Cafe -

- Walk around the room in rigid straight lines
- Only change direction when you reach a wall
- Keep your movements efficient and your face expressionless
- When you make eye contact with someone else, give them small, formal nod
- Walk towards another person in a perfectly straight line
- When you are close enough, say “bonjour”
- Use the word as a formal exchange rather than an expression of pleasure or welcome
- Find an appropriately formal distance between yourself and the person you are speaking to
- Find a chair and, one by one, bring it into the centre of the space with great formality
- Sit on the chair making sure that your clothes are arranged properly
- Watch the other members of the group arriving, nod at them and

say *ébonjour*

- Imagine that the last person to enter the space is late for an important gathering and react in a manner that demonstrates your disapproval
- When you are all sitting, begin an activity which might be appropriate for a provincial French cafe in the 1950s
- Ask all the girls to leave the cafe
- One by one, the girls should arrive and the boys should stand until they take their seats
- Imagine that you have discovered that something unpleasant is stuck to your backside: stand up, remove it and sit down again in such a way that nobody would find your behaviour odd or vulgar
- Imagine that there is a disgusting smell coming from the cafe and react accordingly
- Begin to engage each other in conversation about the source of the smell
- You should try and use French words or English words spoken in a French accent
- Decide as a group who might be responsible for the disgusting smell
- Express your displeasure with this person and get them to leave the cafe without creating a messy scene or an argument

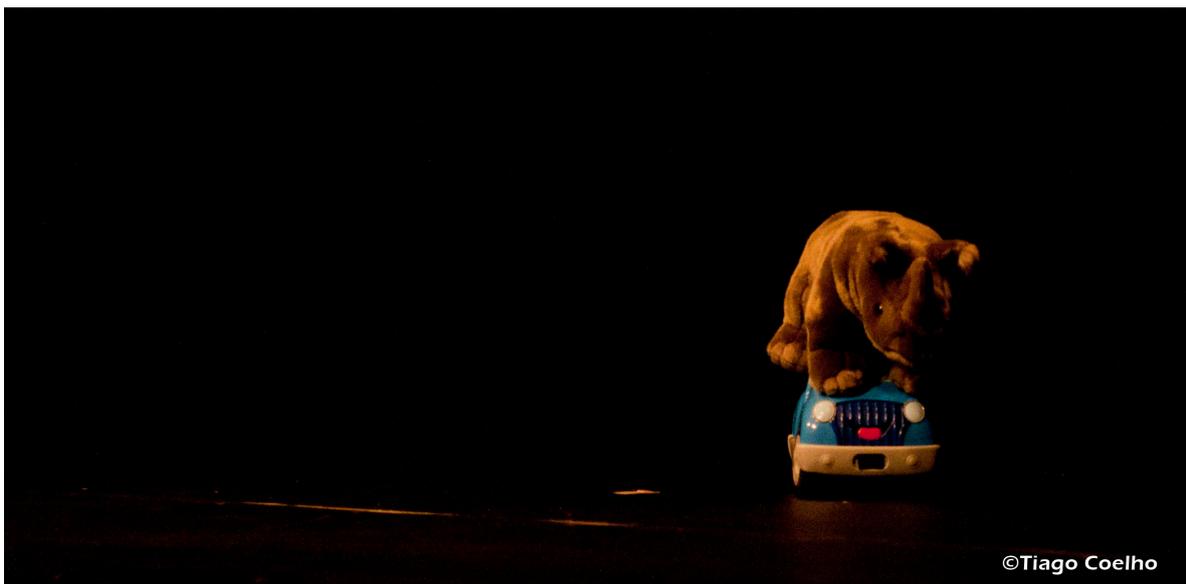
- Becoming a Rhinoceros -

- Lie on your back and find a slow steady rhythm for your breathing
- Locate a mental image of a rhinoceros
- Begin to exhale with a snort
- Feel your body getting heavier
- Start to get up off the floor as if your limbs were made of stone
- Find a way of getting up off the floor that doesn't involve using your hands
- Keep breathing deeply and heavily, snorting on the out breath
- Stay on all fours or rise to your feet
- Experiment with rhinos at rest, leaning against a wall or playing with an object
- Don't try and achieve anything, don't try and be a rhinoceros, simply find a language of movement that expresses something about rhinoceroses
- Remember that rhinoceroses have terrible eyesight and brilliant hearing
- Herd together in the centre of the room
- Without talking, decide which is the alpha rhino and treat him or her accordingly
- Bring a chair into the centre of the space with the clumsiness of a rhinoceros
- Feel yourself becoming a little more human, but keep the sensation of being part rhinoceros

- Find another way of sitting on your chair
- Imagine that you are sitting in a cafe and start making eye contact with the other customers
- Experiment with different ways of greeting them
- Pick a chair that someone else in the cafe is occupying, and without using any words, try and occupy that chair
- Select somebody to be the waiter or waitress and send them back into the scene
- Ask the rhinos to order food and drinks and to make their displeasure known if they aren't served promptly

## ANEXO 10

### Registo de imagens do espectáculo





©Tiago Coelho



©Tiago Coelho



©Tiago Coelho



©Tiago Coelho



©Tiago Coelho





